

NOSSOS MESTRES

Mentora de gerações

Diretora da Faculdade de Comunicação da UnB, Dione Moura, trabalhou na linha de frente para aprovação e defesa do sistema de cotas e ajudou a transformar a realidade dos jovens negros no país

» MARIANA NIEDERAUER

A trajetória da professora Dione Moura é feita de pioneirismos. E nenhum deles ocorreu por acaso. Cada parte que sustenta a carreira na academia foi construída com a mesma resiliência e a determinação que ergueram a fábrica de farinha de seus pais e as paredes de palha de arroz com barro da casa onde morava com os irmãos. Família negra, de raízes nordestinas que florescem até hoje, encontrou na educação o caminho para uma transformação que parecia impossível. É nessa origem que a docente da Universidade de Brasília (UnB), recentemente reconduzida ao cargo de diretora da Faculdade de Comunicação (FAC), encontrou o suporte e a inspiração para lutar, durante duas décadas, pela política de cotas que se tornou realidade acessível a toda uma nação.

Dione concluiu a graduação em jornalismo na Universidade Federal de Goiás (UFG), na sua terra natal, a capital goiana. Mas conta que a origem nordestina dos pais ainda é a referência mais presente. “Sou goiana, mas uma goiana muito nordestina, nesse sentido da cultura. O modo de pensar, os meus ditados populares, a minha religiosidade, meu modo de viver. E um jeito um bocadinho calmo de olhar as coisas também. O nordestino tem isso”, observa a diretora.

A vinda para Brasília foi motivada também pelos estudos. Curvou na UnB a especialização em jornalismo político. Sob a orientação do professor Carlos Chagas, escreveu a monografia *Cláudio Abramo: O profeta solitário*. “Já eram os primeiros passos na pesquisa, me colocando no campo do jornalismo de temáticas sociais. No caso, Cláudio Abramo, Profeta Solitário, defendendo um

Kayo Magalhães/CB



É hora de a sociedade tirar o chapéu da discriminação e vestir o da inclusão. Existe um cansaço social de sustentar tanto preconceito"

Dione Moura, professora

jornalismo democrático em pleno período militar”, explica Dione.

No mestrado, um trabalho que marcou a história da produção acadêmica nacional. A dissertação *A Construção da Memória e da Identidade em Filmes de Cineastas Negros Brasileiros* foi a primeira sobre o tema na história das pesquisas em comunicação. “Meu trabalho é citado como a primeira dissertação sobre cinema feito por cineastas negros. Um trabalho que me colocou já no

caminho que vai dobrar lá adiante, com as cotas.”

Outro dos projetos motivo de orgulho teve como foco jornalismo, ciência e meio ambiente. O objetivo era descobrir qual a maior contribuição da UnB para a população do Distrito Federal. “Naquela ocasião, nos anos 1990, eu identifiquei que a principal contribuição da UnB era para os estudos sobre o cerrado. E uma das personagens que identifiquei à época é a hoje presidenta

da Capes, a professora Mercedes Bustamante”, relata Dione.

Um pouco antes do início do doutorado veio a aprovação no concurso para professora da UnB, em 1995. “E continuei pesquisando, sempre nessa temática de jornalismo e sociedade, jornalismo científico, jornalismo ambiental, jornalismo e identidade racial, jornalismo e gênero. Ou seja, sempre no campo da comunicação e para quê a comunicação existe, o que ela pode fazer.”

“Sempre discordei da ideia de que um jornalista não afeta a vida das pessoas. Eu sempre dizia que um jornalista afeta a vida de uma pessoa tanto quanto um médico pode afetar; tanto quanto um engenheiro que constrói um prédio, se ele vier a ter um problema estrutural, vai afetar”, reflete a docente, que participou da cobertura da Constituinte no fim da década de 1980 e tentou levar esse olhar problematizador às reportagens. “Eu sempre